

REPENSANDO AS ATIVIDADES DE LAZER NA NATUREZA, A EXPERIÊNCIA E A EDUCAÇÃO INFORMAL: PARA ALÉM DO CONFINAMENTO

Recebido em: 17/01/2020

Aprovado em: 18/05/2020

Licença: 

César Teixeira Castilho¹

Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais (FCMMG)
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas)
Belo Horizonte – MG – Brasil

Christianne Luce Gomes²

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Belo Horizonte – MG – Brasil

RESUMO: Esta resenha tem como objetivo apresentar e analisar a obra organizada pelos autores Tony Jeffs e Jon Ord intitulada *Rethinking Outdoor, Experimental and Informal Education: Beyond the Confines* publicada em 2018 pela editora Routledge. Ao longo dos onze capítulos deste livro, diversos especialistas dos estudos do lazer se debruçam sobre a temática do lazer na natureza, em alguns momentos em ambientes selvagens, sob a perspectiva da educação experimental e informal. Trata-se de uma compilação valiosa para os estudantes de diversas áreas do conhecimento, sob uma ótima multidisciplinar, e, conjuntamente, uma ótima referência para os pesquisadores da área que, no longo prazo, deveriam focar em experiências duradouras, não dicotômicas e transformadoras.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer na Natureza. Educação Experimental. Educação Informal.

RETHINKING OUTDOOR, EXPERIMENTAL AND INFORMAL EDUCATION: BEYOND THE CONFINES

ABSTRACT: This review aims to present and analyze the work organized by the authors Tony Jeffs and Jon Ord entitled “Rethinking Outdoor, Experimental and Informal Education: Beyond the Confines” published in 2018 by Routledge. Throughout the eleven chapters of this book, several specialists in nature-based activities, sometimes developed in wild environments, from the perspective of experimental and informal education. This is a valuable compilation for students from diverse fields of knowledge, under a highly multidisciplinary, and, collectively, a great

¹ Professor Adjunto I da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais (FCMMG) e da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas). Membro do Grupo de Pesquisa LUCE: Ludicidade, Cultura e Educação e ORICOLÉ: Laboratório de Pesquisa sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer.

² Professora Titular da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e líder do Grupo de Pesquisa LUCE – Ludicidade, Cultural e Educação.

reference for researchers in the field who, in the long term, should focus on lasting, non-dichotomous and, above all, transformative experiences.

KEYWORDS: Nature-based Activities. Experimental Education. Informal Education.

A relação entre indivíduos e natureza não deve compreendida como algo estritamente formal. Existem elementos que transcendem qualquer tentativa de etiquetagem, sobretudo na esteira da educação ambiental, indo ao encontro de questões mais sensíveis, como estética, sensibilidade, contemplação, ou seja, subjetividades do simples trato com a natureza. Esta fuga da dualidade incrustada no olhar ocidental, separando cultura/natureza, para algo mais próximo do olhar indígena, nos revela que o mais oportuno é se deixar levar, é se reaproximar daquilo que nos compõe. Permitir que o corpo se misture ao meio ambiente torna-se essencial na discussão sobre natureza para além da experiência educacional autotélica. Experiências indígenas não somente nos confrontam ideologicamente com as dualidades construídas pela separação dos elementos sociais, mas colocam em xeque estudos ocidentais pautados na natureza (CASTILHO, 2011; CASTRO, 2017; MARINHO, 2007). Segundo Castro (2017), nós não podemos pensar como os indígenas; podemos, no máximo, pensar com eles.

A obra tem a audácia de apontar para tais fragilidades, através do resgate genuíno da natureza pela informalidade. Não se deve, portanto, amalgamar informalidade com leviandade. Pelo contrário, é na recuperação da sensibilidade estética que seria possível repensar a reflexão ecológica formante. Ora, o selvagem, como discutido no cap. 6; as montanhas, como destacado no cap. 7; ou o simples contato com a água, como salientado no cap. 8; transformam-se em subsídios de extensão corporal, sem que haja necessidade de conceptualizações, visando exclusivamente uma sustentabilidade das práticas humanas. Freire (1970; 1985; 1972), citado nos capítulos 1, 4 e 10, frisa, em sua vasta obra, que a educação deve alvejar a autonomia crítica do

educando, focando no ser enquanto sujeito social, dotado de intencionalidade. Seus organizadores, Tony Jeffs e Jon Ord, para além de pesquisadores renomados na área, apresentam artigos teóricos – que servem como base da obra – e experiências empíricas – como práticas possíveis na natureza – perpetuando a feição informal no convívio junto ao selvagem.

Os dois primeiros capítulos, redigidos respectivamente por Tony Jeffs e Chris Loynes, teorizam sobre a origem da educação ambiental ou *outdoor adventure*, bem como seus objetivos e práticas. Utilizando-se da metáfora da corda, composta por inúmeros fios, Jeffs salienta a consubstancialidade dos estudos teóricos e práticos, do ímpeto e criatividade dos pesquisadores, bem como inevitabilidade de reinvenção permanente. Complementarmente, ao longo do cap. 2, Loyens nos alerta para a diferença entre o “aprendizado pelo fazer” e a “educação experimental”, e seus benefícios para cada etapa do aprendizado. Embora saliente a importância do primeiro conceito, a autora reconhece a experiência junto à natureza como núcleo na aquisição de habilidades, sensibilidades e intimidades espaciais, permitindo discussões sobre o social, o não-familiar, o espaço e o corpo na comunhão homem/natureza.

John Ord e Mark Leather, autores do cap. 3, propõem uma re-conceitualização do aprendizado experimental, resgatando a teoria de Dewey (1916; 1938), para que se possa compreender as experiências junto à natureza como uma experiência plena. Para além do aprendizado pautado no “fazer”, os autores sugerem uma necessidade de questionamento, uma transação pela experiência, permitindo um entendimento entranhado da experiência. Para Dewey, a reflexão sobre a experiência deve ocorrer em diversos momentos, acarretando na apreensão genuína sob a perspectiva da educação informal.

“O que é educação?; O que é educação informal?; e O que é aprendizado informal?” São as respostas para estas perguntas, no tocante à experiência *outdoor*, que Tony Jeffs nos oferece ao longo do cap. 4. Penetrando no cerne da obra, Jeffs salienta que a educação informal, alicerçada pelo diálogo, facultaria, contrariamente à educação formal, o acesso, o engajamento, o questionamento e o discernimento. Assim, os ambientes *outdoors* e os educadores do lazer na natureza seriam abençoados com incontáveis oportunidades, seja pelos espaços nos quais estão inseridos, seja pela preciosidade de diálogos possíveis com o selvagem. Poucos setores da educação garantem diligências criativas tão prosperas tal qual o lazer na natureza, o mesmo se aplica à educação informal. Por conseguinte, na junção destas premissas, descobertas educativas longínquas seriam factíveis.

Jean Spence, no quinto capítulo, aponta para o potencial no desenvolvimento de uma prática pela educação informal nas atividades *outdoors*, criticando concomitantemente os limites das perspectivas dominantes nas pesquisas da área, guiadas pelo dualismo ou relacionadas ao romantismo tradicional. Destacando o local como algo precioso, Spence vislumbra uma aprendizagem informal capaz de aguçar novos olhares e interesses, sempre contextualizados. Ademais, o autor frisa como o uso de novas tecnologias, notadamente as visuais, poderiam agregar valor aos processos educacionais, decorticando a complexidade da observação para além do olhar superficial.

O resgate do selvagem, sob o prisma da educação informal, requer, primeiramente, o desvencilhar das amarras bíblicas e românticas que circundam o que conhecemos como “selvagem”. Através de tal proposição, Jon Ord e Liz Mallabon discorrem sobre a educação informal em ambientes selvagens, utilizando-se da perspectiva de Dewey’s (1916; 1938), possibilitando uma espécie de transação entre o

indivíduo e o ambiente no qual ele se situa. O selvagem, como veículo de educação, seria factível pela compreensão de termos como “chegada” e “partida”, “simplicidade”, “espiritualidade” e “sustentabilidade”. Por ser compreendido como um local pouco impactado pelo homem, o selvagem transforma-se em campo privilegiado para discussões políticas/sociais nas acepções ecológicas.

Montanhas e ambientes aquáticos são reconfigurados como ferramentas de discussão social, política e estética nos capítulos 7 e 8. Jon Ord e Mark Leather salientam os elementos holísticos impregnados nessas experiências. Complementando-se, Ord enfatiza a importância do educador nas práticas *outdoors* em montanhas, nas quais o processo deve ser valorizado em detrimento do objetivo final; enquanto Leather, discute sobre a dificuldade na descrição dos sentidos e significados que podem emergir na relação dos indivíduos com a água o que, não necessariamente, parece comprometer o enorme potencial dessas experiências como processo educativo/estético.

Fundamentando-se pela noção de “desenvolvimento” proposto pela perspectiva da “psicologia positiva”, os autores do cap. 9, Annete Coburn e David Wallace, sobrelevam a noção holística do conceito e sua potencialidade no processo educativo, objetivando a formação de um sujeito crítico. Tal formação, embora individual, não deve negligenciar os benefícios promissores referentes às comunidades locais na oferta de atividades na natureza. Pelo contrário, na visão do desenvolvimento baseado no aperfeiçoamento do capital humano, é na convergência do individual e do coletivo que programas baseados nas necessidades comunitárias podem ser potencializados de forma genuína, e não somente refletidos.

Viver juntos, experimentar uma nova residência, tudo isso em associação com as comunidades e as atividades na natureza. O risco, seja ele físico ou emocional, torna-se o núcleo dessa experiência, cada vez mais habitual no turismo, ao dividirmos

residências nas viagens. Susan Cooper, autora do cap. 10, aponta para o “compartilhamento residencial” como metáfora para o desenvolvimento pessoal e social, destacando similaridades com o *outdoor* no que se refere ao risco e aos desdobramentos educativos. Não obstante, percebe-se, ao longo do texto, uma inquietude com a comercialização excessiva dessas experiências.

Encerrando a obra, Sue Wayman, no cap. 11, inicia seu texto conceitualizando dois termos-chave no âmbito da educação informal nas atividades outdoor: sustentabilidade e desenvolvimento sustentável. Em regra, os dois vocábulos pressupõem que “os humanos precisam buscar uma vida harmoniosa com o meio natural se eles – ou nós – esperamos persistir, adaptar e prosperar indefinidamente na Terra” (CHANGE, 2014). Doravante, o artigo correlaciona o que se entende como desenvolvimento sustentável como meio e fim da educação informal nas atividades outdoor. A sustentabilidade deve ser o cerne das discussões e das experiências de todas as atividades na natureza propostas pelos educadores da área, transformando a educação em uma educação sustentável.

Trata-se de uma obra audaciosa e preciosa. Audaz, pois põe em causa a formalidade da educação e suas fragilidades no respeito ao educando, ao contexto dos indivíduos e ao processo ensino-aprendizagem. Preciosa, pois apresenta propostas coerentes com as discussões contemporâneas em torno da mudança climática e responsabilidade dos educadores envolvidos com o lazer na natureza no contexto local, mas com repercussões globais. Uma perspectiva valiosa para os estudantes de diversas áreas do conhecimento, sob uma ótima multidisciplinar, e, conjuntamente, uma ótima referência para os pesquisadores da área que, no longo prazo, deveriam focar em experiências duradouras, não dicotômicas e transformadoras.

REFERÊNCIAS

- CASTRO, E. V. *Cannibal Metaphysics (Univocal)*. (P. Skafish, Ed., & P. Skafish, Trans.) Minnesota: University Of Minnesota Press, 2017.
- CHANGE, Intergovernmental Panel on Climate. *Climate Change 2014: Impacts, Adaptation, and Vulnerability*. Retrieved March 22, 2015, from <http://www.ipcc.ch/report/ar5/wg2>
- DEWEY, J. *Democracy and Education*. Teddington: Echo Library, 1916.
- DEWEY, J. *Experience and Education*. New York: Touchstone, 1938.
- FREIRE, P. Cultural action and conscientization. *Harvard Educational Review* , 40 (3), 452-477, 1970.
- FREIRE, P. *Pedagogy of the Oppressed*. Harmondsworth: Penguin, 1972.
- FREIRE, P. *The Politics of Education*. London: Macmillan, 1985.
- MARINHO, A. Lazer, meio ambiente e turismo: reflexões sobre a busca pela aventura. **LICERE**: Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, v. 10, n. 1, 2007. <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2007.941>

Endereço dos Autores:

César Teixeira Castilho
Ciências Médicas de Minas Gerais
Al. Ezequiel Dias 275 – Centro
Belo Horizonte – MG – 30.130-110
Endereço Eletrônico: castcesarster@gmail.com

Christianne Luce Gomes
EEFFTO/UFMG
Av. Antonio Carlos 6627 – Pampulha
Belo Horizonte – MG – 31270-901
Endereço Eletrônico: chrislucegomes@gmail.com